



---

## [agbinterseções] XX ENG - EIXOS E EMENTAS PARA DEBATE NA RGC EXTRAORDINÁRIA

---

AGB Nacional <agbnacional@gmail.com>

28 de outubro de 2019 14:46

Para: Interseções <agbintersecoes@googlegroups.com>, Interseções <agbintersecoes@yahoogrupos.com.br>

Estimadas (os), boa tarde.

Enviamos em anexo os eixos temáticos do XX ENG com as respectivas ementas para o debate e aprovação na Reunião de Gestão Coletiva (RGC) Extraordinária, que ocorrerá em São Paulo nos dias 02 e 03 de novembro de 2019.

No documento constam os eixos e ementas já aprovados na 139ª RGC (setembro de 2019), os eixos aprovados na 139ª RGC nos quais as ementas ainda serão debatidas e aprovadas na RGC Extraordinária e eixos e ementas a serem discutidos e aprovados na RGC Extraordinária.

Até a RGC!

Saudações AGBeanas!

--

Atenciosamente,

Coletivo DEN 2019-2020

--

Você recebeu essa mensagem porque está inscrito no grupo "agbinterseções" dos Grupos do Google.

Para cancelar inscrição nesse grupo e parar de receber e-mails dele, envie um e-mail para [agbintersecoes+unsubscribe@googlegroups.com](mailto:agbintersecoes+unsubscribe@googlegroups.com).

Para ver essa discussão na Web, acesse <https://groups.google.com/d/msgid/agbintersecoes/CAC9sEaama0kn4yTszEjyLeutcOWVSokqjNhptzPTFCMJxJrkmA%40mail.gmail.com>.

---

 **RGC - XX ENG - Eixos e ementas.pdf**

247K

## **Eixos e ementas aprovadas**

### **Eixo: Geopolítica atual e a saúde global**

**Ementa:** A saúde se evidencia enquanto tema de pesquisa na geografia há ao menos duas décadas, pautando o compromisso para construção de uma sociedade mais equitativa. Tendo em vista a relevância cada vez maior do tema “Saúde global” na geopolítica atual, a geografia para a saúde visa compreender os fenômenos que assolam as vidas e não somente se restringir ao mapeamento de enfermidades. Os desafios políticos e territoriais impostos pelo capitalismo, atingindo especialmente a população mais pobre, se intensificam com o avanço do neoliberalismo e a ascensão da ultradireita, colocando a vida humana no limite da suportabilidade. O alinhamento dos pressupostos da Saúde Coletiva na ciência geográfica, principalmente no Brasil, tem como meta construir um desenvolvimento mais humano e democrático que possibilite avanços nas questões ambientais e/ou sociais. Assim, a geografia sai em defesa dos povos da floresta e das(os) trabalhadoras(es), a partir da análise e do enfrentamento das políticas de contaminação por agrotóxicos no campo e na cidade, revelando resistências e formas de produção alternativas, bem como representando a luta pela manutenção do Sistema Único de Saúde, como sistema universal e gratuito

### **Eixo: Geopolítica de recursos naturais e as novas formas de apropriação das águas, das terras e do subsolo**

**Ementa:** O contexto geopolítico e econômico atual impõe a necessidade de reflexão sobre as novas formas de delimitação, apropriação e disputas dos recursos naturais e minerais no Brasil. Recentemente, os conflitos socioambientais se acirraram diante de uma fragilização e desmonte institucional de órgãos de fiscalização, legislação e controle do avanço das atividades econômicas predatórias, atingindo comunidades dezenas de comunidades tradicionais, como camponesas, ribeirinhas, quilombolas, indígenas e a sociedade civil em geral. Alguns exemplos são os crimes ambientais cometidos pela Vale S.A. e a expansão da fronteira agrícola com o avanço do agronegócio em direção ao Cerrado e a Amazônia. O pensamento geográfico é convocado a dar respostas e atuar nesses campos de disputa, produzindo conhecimento e revelando as contradições e resistências.



**Associação dos Geógrafos Brasileiros**  
**Diretoria Executiva Nacional**  
**Gestão 2019/2020**

**Eixo: "A ofensiva neoliberal e neoconservadora no(a) Ensino/Educação: o que a Geografia tem a dizer?"**

**Ementa:** Historicamente a educação tem tido a função estratégica de produzir subjetividades/objetividades em favor da manutenção da ordem social do capital, determinada pelas necessidades da atual acumulação rentista e da produção de mercadorias, pelo lucro, pela exploração alienante do trabalho. O contexto político pós-eleições de 2018 aprofunda a precarização do trabalho e a desqualificação da docência como profissão, exigindo a análise e o compromisso de enfrentamento dos impactos da ofensiva neoliberal e neoconservadora no(a) Ensino/Educação. A reforma trabalhista e os novos modelos de relação de trabalho tendem a aprofundar a precarização da prática docente, além de confrontá-lo no seu papel efetivo na construção de políticas pedagógicas/ educacionais no cotidiano escolar. As políticas de avaliação externa da educação brasileira (inclusive dos professores, o provão do magistério), política de livros didáticos, currículos de formação de professores e as políticas recém-adotadas pelo Ministério da Educação (MEC) esvaziam e confrontam a formação do pensamento crítico e se articulam a novos modelos de currículos e métodos (BNCC) e um novo papel para o ensino médio (Lei 13.415/2017), retenção e/ou redirecionamento do ingresso no ensino superior. Contra estas pautas neoliberais, o papel político da geografia nesse contexto traz à tona a necessidade de reafirmar as bandeiras políticas da AGB na defesa da educação pública, gratuita e de qualidade socialmente referenciada nas lutas do povo brasileiro, da profissão docente e da Geografia como componente curricular. É indispensável que a geografia mostre o que tem a dizer.

## **Eixos aprovados e ementas para aprovação na RGC Extraordinária**

### **Eixo: Disputas cartográficas nas dimensões do poder: imagens e políticas espaciais.**

**Ementa:** A cartografia constitui-se mais que uma técnica de representação dos fenômenos geográficos, também se estabelece enquanto linguagem para apresentar visões particulares sobre a realidade socioespacial e suas relações de poder. Vivemos em um tempo em que os discursos sobre o real e as disputas através das imagens estão cada vez mais presentes na esfera social. Os grupos sociais vem se apropriando do ato de fazer mapas enquanto instrumento de saber/poder para compreender suas questões específicas, contribuindo com a emancipação social, gerando modos criativos de mapeamento, com materiais e metodologias diversas. Essas experiências enfatizam o mapeamento como prática social e não apenas como seara específica de um ramo científico (cartografia) Em contrapartida, observa-se recentemente no Brasil um movimento de desmonte dos programas que fornecem dados básicos para a pesquisa em geografia (e para a sociedade), como o INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais) e o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Este processo demonstra como o projeto de desvalorização da pesquisa tecnológica nacional está em curso, abrindo espaço para empresas estrangeiras controlarem a produção de imagens sobre o território e sonegar informações sobre o país (desmatamento, uso de drogas, pobreza, fome, etc.) de modo a criar uma outra imagem da nação para a população. Nesse sentido, como a AGB pode contribuir com as discussões em torno das políticas espaciais e suas disputas através da cartografia na atualidade?

### **Eixo: Sociedade, espaço e natureza: o papel da Geografia Física na construção das re-existências**

**Ementa:** O desenvolvimento econômico capitalista é o motor da crise ambiental em todas as escalas. A história da produção capitalista é a história do não reconhecimento de limites físicos, químicos e orgânicos do planeta. Isto se capilariza por todos os espaços na forma da destruição da natureza, entendida como materialidade e cultura dos povos. Múltiplas são as escalas da crise ambiental. Problemas estruturais como o desmatamento de vastas extensões de vegetação nativa, extinções de espécies, o tratamento de resíduos sólidos nas cidades, a poluição dos corpos d'água e as ocupações em encostas, entre outros, provocam a degradação sistemática da vida e aprofundam a cisão entre a sociedade e natureza, e tem no espaço geográfico o resultado dessas contradições e relações sociais. Não se trata apenas da ruptura de barreiras físicas, mas de rupturas em práticas historicamente vinculadas



**Associação dos Geógrafos Brasileiros**  
**Diretoria Executiva Nacional**  
**Gestão 2019/2020**

às culturas dos povos, que se expressa também em formas de dominação e exploração, tanto daquilo chamado por “natureza”, quanto dos povos e seus territórios. Os recentes crimes ambientais praticados em Minas Gerais em 2015 e 2019, são exemplos, bem como o avanço das queimadas criminosas sobre a Amazônia, e o enfraquecimento de políticas ambientais, frente aos interesses neo-extrativistas internacionais. Cabe questionar portanto, como a “Geografia Física” seara do saber geográfico que pesquisa majoritariamente pautas ambientais, pode contribuir para a transformação do atual modelo de desenvolvimento econômico? Qual é a importância de se tratar de forma crítica a relação entre sociedade, espaço e natureza? Qual(is) é(são) a(s) natureza(s) estudada(s) pela geografia? Quais são os objetivos desses estudos? Em tempo, como as pautas ambientais, perpassam a AGB?

## **Eixos não discutidos**

### **SL Fortaleza**

#### **Eixo: Memória e Patrimônio**

**Ementa:** Nos últimos anos, manter viva a memória tem sido um dos grandes desafios no processo entendimento das conjecturas atuais, como maneira de garantir o futuro. Neste contexto, manter os patrimônios culturais preservado é dever público e coletivo, como forma de garantir os direitos sociais, diante desses contextos de “esquecimentos planejados”, assim propomos trazer a tona os debates, a cerca de política cultural nas cidades e no campo como meio de registrar, valorizar preservar histórias e as culturas que possuem bens materiais, imateriais e simbólicos, que fazem parte do processo de formação de identidades que tem determinados significados diferentes a diversos grupos sociais que compõem o espaço urbano.

### **SL Juiz de Fora**

#### **Eixo: Racialidades, lutas anti-racistas e a AGB**

O sistema de dominação da colonialidade se expressa de muitas maneiras. Dentre as várias formas de classificação hierárquica impostas pelos movimentos coloniais, a raça, é um dos critérios e fatores de classificação e dominação, tendo no caso, a dita raça negra, como inferior e signo de qualidades menores diante da raça branca. Por isso, há uma íntima relação entre os racismos, a colonialidade, o capitalismo e os imperialismos que se manifestam nos países ditos periféricos do sistema-mundo colonial, conformando territórios subalternizados, e que mesmo não contíguos, são engendrados em uma estrutura de dominação-exploração, controle-violência, apagamento-epistemicídio, de parte de seus povos e grupos sociais.

A colonialidade não se determina somente enquanto um arranjo de dominação que se impõe sobre os corpos dos sujeitos minorizados socialmente, mas também sobre seus saberes, subjugados diante de uma hegemonia da racionalidade científica, consubstanciada através de uma ciência dita moderna durante séculos, aliando-se com os colonialismos no mundo. Inclusive, a própria Geografia, enquanto instituição de ciência compartilha da prática dessas violências, quando em mãos de suas epistemologias e métodos, junto dos Estados-Nação da modernidade, empenha dominações - cientificamente justificadas - no continente africano em especial.

Todavia, na contramão de todo esse processo, revoluções sociais, políticas, culturais e epistêmicas, surgiram também no bojo de lutas anti-coloniais, promovidas por estes mesmo

sujeitos então dominados. E por isso, se podemos dizer de saberes a serviço das formas de dominação colonial/racial, também podemos falar das suas opositoras. Hoje, praticamente todos os campos dos saberes populares e institucionalizados, também são compostos (ainda que em contradição e disputa) por teorias que objetivam o rompimento dos grilhões que ainda perseguem os povos subalternos no mundo.

A AGB, advoga estar na trincheira ao lado deste último grupo, que busca superar as hierarquias e violências da colonialidade e do capitalismo. No entanto, sabe-se que as dimensões do racismo, enquanto expressão da colonialidade que se difunde socialmente, assumindo caráter estrutural, promove a sua reprodução em diversos espaços, marcando presença no Estado, até ao núcleo de diferentes famílias. Sendo assim, essa contradição, pode também se manifestar na entidade, sobretudo considerando que a AGB, é uma entidade atrelada à uma ciência moderna, como já dito. Por isso, através deste eixo, nos propomos a pensar, como a AGB pode se posicionar na seara das lutas anti-racistas? Em que medida e proporção as teorias científicas, discursos e ações políticas que buscam a superação do racismo brasileiro são encampadas pela entidade? Como isso se manifesta nas atuações da associação na dimensão de suas Seções Locais e nacional? De quais formas a AGB vem atuando como articuladora dessas lutas entre geógrafos e geógrafas no Brasil, uma vez que assim se posiciona a organização?

Certamente, não se objetiva aqui atacar a AGB no aspecto das dinâmicas étnico-raciais brasileiras, mas sim colocar em pauta a reflexão de que a entidade, ainda que se afirme parte da voz crítica que busca uma sociedade mais justa e igualitária, faz parte de maneira inevitável da contradição e problemática racial que permeia sociedade brasileira, só sendo possível superá-la, olhando criticamente para si, enquanto entidade de caráter social, político e científico.

### **Eixo: Trajetórias Agebeanas e Epistemologia da Geografia**

A história do pensamento geográfico brasileiro está intimamente ligada a Associação dos Geógrafos Brasileiros. Fundada em 1934 as discussões que permeiam a entidade se refletem nas trajetórias que a ciência foi tomando ao longo de sua história. O papel da entidade foi fundamental em alguns movimentos epistemológicos ocorridos no interior da geografia. Um deles é o movimento de renovação crítica da geografia ocorrido na década de 1980 que introduziu novas perspectivas teóricas e metodológicas para o centro da discussão do interior da ciência e modificou toda a organização interna da entidade, democratizando-a.

A contemporaneidade nos exige lidarmos com novos desafios. O avanço do conservadorismo e do neoliberalismo acam aqueles que se propõe a pensar criticamente a sociedade. As

ciências humanas de forma geral, e principalmente suas correntes mais críticas, estão ameaçadas, incluindo a ciência geográfica. Ao mesmo tempo que outras epistemologias surgem no horizonte e novas formas de analisar o espaço emergem, construídas a partir das lutas feministas, raciais, LGBTQs, decoloniais, multiplicam-se as interpretações e os olhares espaciais de sujeitos antes invisibilizados.

Diante desta realidade torna-se necessária uma reflexão crítica sobre os rumos da ciência geográfica e o papel da AGB. Qual as relações estabelecidas entre a AGB e o pensamento geográfico brasileiro? Como a AGB deve colaborar para construir e fomentar os novos rumos da ciência? Qual deverá ser o papel e a postura da entidade diante destes novos desafios? E como estas outras perspectivas críticas se manifestam nas ações da AGB, nos lugares onde é presente e em escala nacional?

### **SL Niterói**

#### **Eixo: Relações étnico-raciais e a luta contra hegemônica**

**Ementa:** As hierarquizações étnicas e raciais possuem um papel histórico na construção da sociedade e conseqüentemente na produção científica brasileira. Os ataques a grupos indígenas e quilombolas; o assassinato de jovens negros nas periferias e favelas; as violências aos espaços sagrados das religiões de matriz africana e indígena, entre outros, são exemplos de problemas presentes na sociedade brasileira que reforçam a necessidade de geógrafas e geógrafos produzirem conhecimentos, que para além das relações cotidianas, visem combater as hierarquizações provocadas pelo racismo em sua dinâmica estrutural. Repensar essa ciência que teve um papel fundamental na consolidação e naturalização de valores e “conhecimentos” que produziram/produz a dominação de corpos, mentes e lugares a partir de perspectivas antirracistas, pressupõe o diálogo com novos paradigmas para compreender tais relações como elementos constituintes de práticas do espaço geográfico. Ao assumir esse papel, como a AGB pode ajudar a construir a resistência e o combate a reprodução do racismo na geografia que se pesquisa e que se ensina?

### **SL Vitória**

#### **Eixo: Questões étnico raciais: As marcas do racismo espacializado**

**Ementa:** É impossível avaliar a conjuntura político-social do Brasil sem considerar as questões étnico raciais. Na ciência geográfica este debate é historicamente realizado na área da Geografia Cultural, no entanto é mais do que urgente ampliar esta discussão nos demais campos da geografia. Desta forma propõe-se pensar as questões étnico racial de forma integrada, considerando-a nos âmbitos políticos, sociais, populacionais, territoriais, na saúde e seus desdobramentos cartográficos com maior protagonismo e evidência. Afinal, Geografia



e Raça é mais um campo da ciência geográfica ou uma questão que está presente de forma integrada no pensamento sobre o espaço?

**Eixo: Espaço urbano: contradições, barbárie e r-existência**

**Ementa:** O espaço urbano tem sido investigado como locus privilegiado da reprodução do capital. Contudo o mesmo não funciona apenas como receptáculo, mas também como meio de acumulação capitalista. As múltiplas estratégias de mercantilização da terra urbana, aliada ao mercado financeiro, produz tanto o aumento desenfreado das desigualdades quanto mazelas que se presencia no espaço urbano, provocando processos espoliativos. São expressões máximas desses fenômenos as diferentes disputas pelo poder e controle do espaço urbano, produzindo a fragilização e o extermínio principalmente das populações negras e indígenas. Diante desse cenário, que acomete o espaço urbano brasileiro, questiona-se, como resistir e construir novos horizontes?

**SL Presidente Prudente**

**Eixo: Representatividades e diversidades na construção do pensamento geográfico**

**Ementa:** O controle social de um país, em suas dimensões políticas, sociais, econômicas e culturais, impõe subjetividades aos indivíduos, que passam diretamente pela construção de ideologias e discursos, eixos centrais em processos de identidades individuais e coletivas na sociedade capitalista e no cenário político brasileiro. Desta forma, se mostra crucial apreender as dimensões dialéticas dessa interface entre fazer ciência e prática social. Dando destaque aos espaços de subjetivação política dos indivíduos, que passam necessariamente por propostas, metodologias e práticas educativas contextualizadas e libertárias, construindo discursos “outros”, e “desde baixo”, reinventando processos de autonomia entre os povos, na busca da superação de discursos dominantes. A Geografia tem se dedicado a dialogar com assuntos historicamente marginalizados pela ciência eurocêntrica e de raízes coloniais. A centralidade das discussões de gênero e sexualidades e a emergência das questões étnico-raciais estão ocupando cada vez mais espaço nas escolas, universidades e nas ruas. Por isso, é fundamental que os estes sujeitos em suas diversidades tenham sua representatividade e seu lugar de existência reconhecidos. Foi feita a leitura da ementa e algumas modificações pelos associados presentes.

**Eixo: Integração entre geografias da América Latina**

**Ementa:** Este eixo surge da articulação realizada entre entidades latinoamericanas de Geografia no último Encontro de Geógrafos da América Latina (EGAL), realizado em Quito,

Equador, em abril de 2019, na qual a AGB esteve inserida. Na ocasião houve a tentativa de iniciar a criação de um coletivo de entidades de Geografia da América Latina para debater e pensar ações no âmbito científico, político e profissional da ciência geográfica. Sendo assim, é fundamental promover articulações entre associações, organizações, coletivos e entidades de Geografia na escala da América Latina. É necessário e viável o encontro destas entidades durante o EGAL por ser um evento que reúne geógrafas e geógrafos de todo o continente. No entanto, também é fundamental estabelecer diálogos entre entidades de Geografia para além do EGAL e fomentar uma rede de articulação destas organizações na região latinoamericana, ao passo que se fomente a participação de membros das entidades nos respectivos encontros organizados pelas próprias organizações. Foi feita a leitura da ementa e algumas modificações pelos associados presentes.

### **SL João Pessoa**

#### **Eixo: Urbanização e as novas contradições do espaço**

**Ementa:** Em um momento de crise da reprodução e das representações sociais, é mais do que nunca necessária a construção de um pensamento crítico que desvende os modos como o espaço é produzido e reproduzido. O espaço urbano, nesse contexto de crise, se coloca como objeto estratégico para as ações dos agentes hegemônicos da produção do espaço, suas articulações com o Estado, e também dos grupos sociais que demandam o acesso à cidade. Nesse conflito, as ações dos movimentos sociais evidenciam as contradições do espaço, iluminando o fato de que a apropriação concreta da cidade passa pela mediação da propriedade privada da terra, apontando para a sobreposição do valor de troca sobre o valor de uso. As lutas sociais se revelam, portanto, como lutas pelo espaço, pela sua apropriação concreta, uma vez que as relações sociais necessárias à reprodução da vida se materializam como relações espaciais. É preciso que o conhecimento se debruce sobre as formas como a propriedade privada capitalista da terra vem se realizando no espaço urbano, agora sob domínio do capital financeiro, e desvende as contradições que emergem desse processo de produção espacial. De um lado, se apresenta o consumo do espaço para novas produções imobiliárias como novas raridades do espaço, por outro lado, avança a expansão dos espaços periféricos, revelando o processo de segregação socioespacial como conteúdo da urbanização contemporânea. Dessa maneira, a interpretação sobre os processos espaciais são centrais hoje para a construção de um conhecimento concreto da realidade contemporânea, assim como podem apontar as possibilidades de resistência postas no real.

**Eixo: Desenvolvimento regional: novas abordagens na atual conjuntura**

**Ementa:** As mudanças nas políticas de desenvolvimento regional evidenciadas nestas primeiras décadas do século XXI têm direcionado os geógrafos a repensarem métodos e procedimentos de investigação das dinâmicas espaciais. Como evidência disto poderíamos citar as novas classificações apresentadas a sociedade como estratégicas para o planejamento regional ao valorizarem as conexões escalares e as funções espaciais, a exemplo da recente redefinição da classificação regional proposta pelo IBGE com a criação de regiões geográficas intermediárias e regiões geográficas imediatas. Observa-se o reaparecimento de conceitos como escala, rede e mobilidade, os quais passam a ser considerados estratégicos para os novos gestores por despertarem a necessidade de um maior aprofundamento do debate em torno das políticas de desenvolvimento. Tal quadro de referência impõe ao geógrafo o desafio de fornecer novos parâmetros para a leitura das realidades socioterritoriais no processo de produção do espaço geográfico em suas diferentes relações escalares.

**SL ABC**

**Eixo: AGB para construir: AGB para reconstruir a geografia crítica**

**Ementa:** As grandes discussões realizadas pela AGB em 1978 buscavam trazer para dentro da academia e da sociedade civil, mudanças dos paradigmas da Geografia Brasileira para a compreensão de um mundo. Em um contexto de lutas pela redemocratização do país, a Geografia, aliada aos movimentos sociais, foram gatilhos de importantes conquistas. Em um país que novamente flerta com o autoritarismo, alvo frequente das brutalidades do neoliberalismo, de seus povos originais e das minorias políticas, dever-se-á procurar um balanço da produção geográfica. Propiciar a reflexão e avaliação da produção geográfica dos últimos 40 anos para construção efetiva de uma geografia crítica via AGB. O objetivo é trazer a luz o perfil que essa reflexão vem assumindo pelas mãos de seus profissionais (professores e bacharéis).